

A desigualdade aprofundada na pandemia: os atravessamentos dos marcadores raça e gênero

Paulo Souto Maior¹

10

Entre os dias 20 a 24 de julho, o Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) realizou o II Ciclo de Diálogos Universidade: cenários em tempos de pandemia. Devido ao cenário mundial causado pelo novo Coronavírus, todas as atividades ocorreram no formato on-line, por meio do canal do Grupo de Trabalho de Estágio Supervisionado da UFRN no YouTube².

Nos cinco dias do evento, contamos com dez janelas de diálogos, sendo duas por dia, contemplando vários temas e contando com palestras de professores da rede básica, professores universitários, líder indígena representando do Movimento Sem Terra e discentes de cursos de licenciatura da UFRN. Dentre as mesas, destaque neste texto a de número oito, chamada “Desigualdades de raça e gênero no ensino remoto”, propondo-me a elencar algumas reflexões sobre a conversa. Ela foi mediada por mim e contou com a participação das professoras Suylene Tatiany do Nascimento Silva³, professora de Língua Portuguesa do Centro Estadual de Educação Profissional Senador Jessé Pinto Freire, e de Andreia Regina Moura Mendes⁴, em Natal, e a professora de História da Escola Professora Alzelina de Sena Valença, localizada em Parnamirim.

Ao longo da mesa, tanto nas falas das professoras quanto nas questões suscitadas pelo debate, entramos em contato com questões diretamente relacionadas ao termo desigualdade – que dava título à janela. As falas se relacionaram com questões conectadas aos estudos de gênero. Ora, as mulheres estão trabalhando cada vez mais na pandemia, as atividades domésticas aumentaram consideravelmente, sobretudo para aquelas que têm filhos em idade

escolar e necessitam de um auxílio especial. Se essas mulheres exercem algum trabalho além do doméstico, como procedem nas atividades em casa e em meio a tantos afazeres? Se casadas, seus/suas companheiros/as dividem as atividades domésticas? Quanto de mal-estar psicológico isso pode gerar, principalmente se considerarmos o isolamento necessário para evitar uma maior contaminação?

Tais questionamentos se casavam com a importância da discussão sobre questões raciais defendidas pelas professoras. A professora Suylene trouxe uma informação impactante e que faz pensar no fator desigualdade potencializado pela pandemia: “A maioria desses alunos (que não tem acesso à internet) é negra e que depende também de mães mulheres negras”. Marcados pela construção de sentidos atribuídos a uma cor, pelo racismo, pela herança de um país que investiu talvez como nenhum outro na escravidão e pouco refletiu sobre políticas de reparação, num momento como o que estamos vivendo a ausência de conexão com internet, sem esquecer casos de ausência de equipamentos técnicos, potencializam o não acesso à educação. A menção “filhos de mães negras” é outra questão que merece ser pensada, pois muitas vezes os empregos ocupados por essas mulheres são trabalhos domésticos, nos quais recebem cerca de um salário mínimo, ou nem isso, para sobreviver. Como lidar com esses desafios? Como pensar um encontro síncrono de apenas uma hora semanal por disciplina se o aluno não terá condições materiais, psicológicas e um espaço silencioso e calmo para estudar?

Difícil não destacar uma fala marcante da professora Andreia Regina Moura Mendes:

Não deixar de lado o papel que as meninas estão tendo dentro desse contexto de pandemia [...] No sentido que as meninas, as garotas, as adolescentes também ajudam as mães em casa. Então nessa pandemia muitas não conseguem reservar um tempo mínimo para ler os livros didáticos, ler os apontamentos no caderno, para fazer as atividades porque precisam dividir as tarefas de casa.

Dada a associação historicamente construída da relação mulheres e atividades doméstica – leia-se também mulheres e espaço privado –, não se pode deixar de lado a reflexão das particularidades de meninas ou adolescentes, especialmente se mais velha dentre os irmãos, que “precisam” tomar conta da casa, cuidar dos irmãos, fazer o que a mãe faria se estivesse presente, para só assim, após muito cansaço, parar para assistir a uma aula, ler uma apostila, realizar atividades. Considere, leitor/a, uma casa com três crianças assistindo a aulas em formato remoto, mas cujo único suporte técnico é um celular para as três.

É também essas arestas que precisamos considerar quando falamos de ensino remoto. Urge questionarmos não só quem são esses sujeitos, pergunta decisiva, mas as suas condições de acesso à internet, a arquitetura do lar, a existência ou não de um espaço para o estudo e fruição estética, a possibilidade de um tempo para estudar e ler. O que há em comum entre tais questionamentos? Muitos pontos, mas dentre eles os marcadores de raça e gênero que precisam ser tratados em relação com outros como classe, geração, pertencimento religioso, espacialidade. Creio que a janela oito abriu

margem para inúmeros debates e as perguntas incrementaram uma discussão urgente e que não podemos abandonar se lutamos por educação de qualidade para todos. Sendo assim, convido você, leitor, para assistir à mesa e tirar suas próprias conclusões. Ou seria melhor dizer, primeiras questões? Dá uma conferida aqui no link: https://www.youtube.com/watch?v=mLWp7CZGE34&list=PLYwfPJNm1RqvuSuCob6CeukB3hHb7x_zM&index=8

1. Professor do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo (DPEC) da UFRN
2. Conforme se vê em: <https://www.youtube.com/watch?v=OvivnAHJctE&list=PLYwfPJNm1RqvuSuCob6CeukB3hHb7x_zM>. Acesso em: 10 set. 2020
3. Formada em Letras – Língua Portuguesa e Literatura desde 2006. Especialista em Gestão de Programas e projetos de esporte e lazer na escola. Professora do Ensino Médio na rede particular e na rede pública
4. Licenciada e Bacharel em História (UFRN). Especialista e Mestra em Antropologia Social (UFRN). Doutora em Ciências Sociais (UFRN). Técnica pedagógica da educação básica da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Parnamirim. Professora da rede municipal de educação de Parnamirim